

Boletim de Conjuntura Econômica: divulgação de análises

Boletim 88, Janeiro, 2024

Marina Silva da Cunha

mscunha@uem.br

Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenadora da equipe de Mercado de Trabalho do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.

Integrantes do subgrupo

Acadêmicos do curso de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e participantes da equipe de Mercado de Trabalho do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.

Evertton de Oliveira Pinto

ra140970@uem.br

Gabriel Barros Cunha

ra138477@uem.br

Larissa Paula Stachio

pg55402@uem.br

Maria Rita de Abreu

ra130535@uem.br

Miguel Machado Garcia

ra115942@uem.br

Raquel Tiemi Oguido

ra124083@uem.br



Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Correspondência/contato
Av. Colombo, 5.790. Bloco C-34 – Sala 11
Jd. Universitário – Maringá, Paraná, Brasil
CEP 87020-900

Análises de 2024, até o terceiro trimestre

RESUMO: Nos primeiros três trimestres de 2024, o mercado de trabalho apresentou um comportamento positivo, alcançando um total de 110.030 milhões de pessoas na PEA, com uma taxa de desocupação de 6,4%. O aumento da ocupação atingiu mais as mulheres, os mais jovens, os mais experientes, os mais qualificados e os não-brancos. O rendimento médio aumentou em relação ao ano anterior, em que a indústria tem uma maior remuneração. A informalidade ainda é alta, em torno de 38%, embora tenha reduzido no período. Já os dados do emprego formal do CAGED apontam um aumento em 2024, até setembro, de cerca de 5%.

Palavras-chave: Oferta de trabalho, Emprego, Desemprego, Rendimentos.

ABSTRACT: In the first three quarters of 2024, the labor market showed positive behavior, reaching a total of 110,030 million people in the EAP, with an unemployment rate of 6.4%. The increase in employment affected women, the youngest, the most experienced, the most qualified and non-whites the most. The average earnings increased compared to the previous year, in which the industry has a higher remuneration. Informality is still high, around 38%, although it has decreased in the period. Data on formal employment from CAGED indicate an increase in 2024, until September, of around 5%.

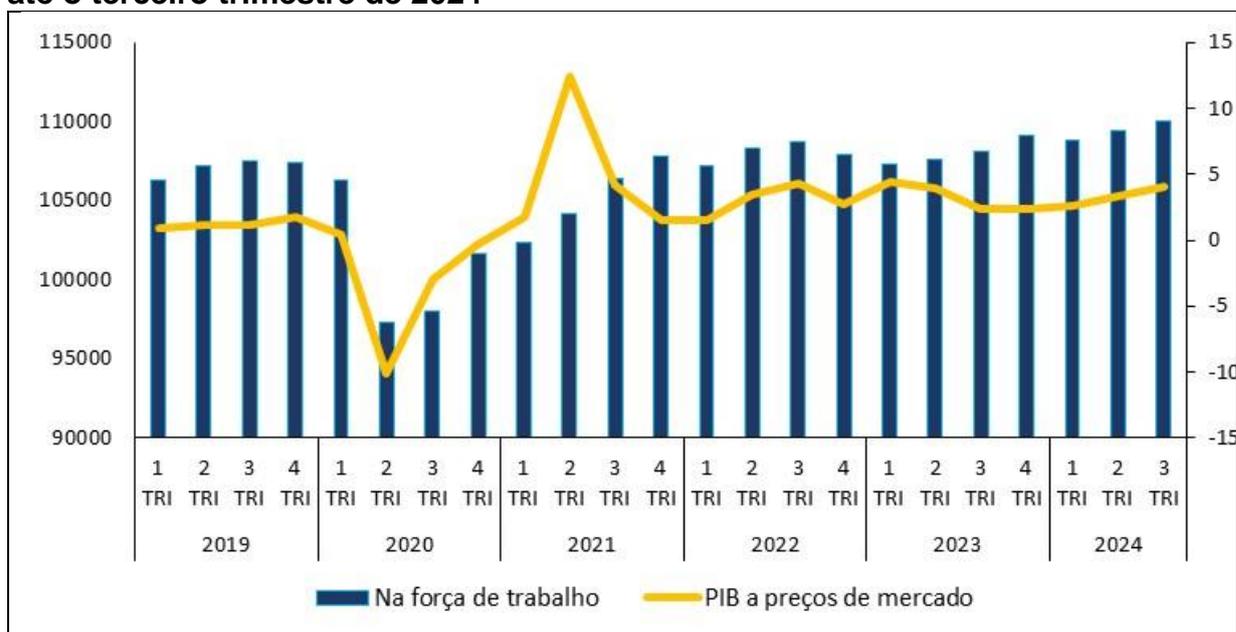
Keywords: Labor supply, Employment, Unemployment, Earnings

1 INTRODUÇÃO

Nessa seção do Boletim de Conjuntura Econômica é analisado o mercado de trabalho brasileiro para o primeiro, segundo e terceiro trimestres do ano de 2024, comparando-os com os anos anteriores, utilizando os dados disponibilizados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Analisar o comportamento do mercado de trabalho brasileiro se faz necessário para verificar se há um crescimento econômico sustentável, pautado na igualdade de oportunidades, conforme a meta 8 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas.

Neste sentido, observa-se que o mercado de trabalho brasileiro para os três trimestres analisados de 2024 continua com tendências de crescimento, mantendo o comportamento observado no ano de 2023, como pode ser visto na Figura 1. O crescimento é gerado pela queda na taxa de desocupação e aumento da população ocupada no país, que compõe a População Economicamente Ativa. Para tanto, no terceiro trimestre de 2024 a população economicamente ativa, que está inserida na força de trabalho, atingiu o número de 110.030 milhões de pessoas, ao passo que no mesmo período do ano anterior, 2023, o número era de 108.154 milhões de pessoas.

Figura 1 – População Economicamente Ativa e variação do PIB brasileiro, 2019 até o terceiro trimestre de 2024

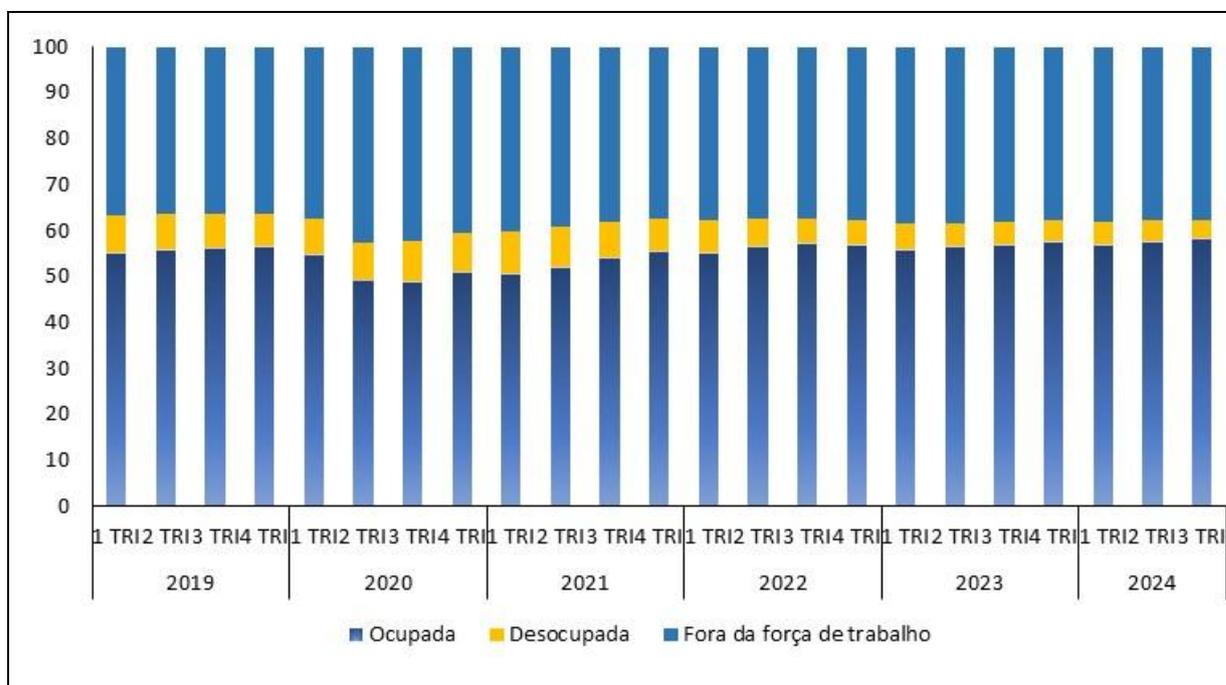


Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Em relação ao PIB nacional, na Figura 1 também é possível observar que há crescimento mais expressivo nos três trimestres de 2024, quando comparados ao ano de 2023, superando as expectativas de economistas e instituições de pesquisa (BBC News, 2024). Este crescimento é justificado pelo aumento do consumo das famílias, consumo do governo e dos investimentos realizados no país, bem como pelo aumento da participação dos setores da indústria e serviços. O setor agropecuário apresentou uma queda, mas que não gerou impactos significativos no PIB (Martins, 2024).

Para a População em Idade Ativa, composta por pessoas ocupadas, desocupadas e fora da força de trabalho, observa-se na Figura 2 que houve uma queda na população desocupada, passando de 4,8% do terceiro trimestre de 2023 para 4% no mesmo período em 2024. Em relação às pessoas fora da força de trabalho, houve uma queda no período do terceiro trimestre, no qual em 2023 esta população correspondia à 38,2% passando para 37,6% em 2024. Com as pessoas ocupadas, verificou-se um aumento de 57,1% no terceiro trimestre de 2023 para 58,4% em 2024 no mesmo período.

Figura 2 – Composição da População em Idade ativa no Brasil, 2019 até o terceiro trimestre de 2024



Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Portanto, é possível observar que o mercado de trabalho brasileiro continua aquecido, mostrando uma boa recuperação pós-período pandêmico. Na sequência, o Boletim analisa o panorama internacional, passando para a população ocupada,

rendimentos, informalidade, emprego formal e desemprego e subutilização. Ao final, algumas considerações finais são feitas, com o propósito de elencar os pontos relevantes encontrados no Boletim.

BOX A - PANORÂMA INTERNACIONAL

No contexto internacional, foram estudadas as taxas de emprego, desemprego e inatividade em diversos países. Essas análises baseiam-se nos dados divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) referentes ao terceiro trimestre de 2023 e 2024. Vale ressaltar que a metodologia empregada pela OIT considera a população em idade ativa a partir dos 15 anos, enquanto no Brasil a faixa etária considerada é a partir dos 14 anos.

Ao analisar a Tabela A1, é possível identificar diversas tendências e mudanças significativas nos diferentes países. Em relação à taxa de emprego, o Brasil destacou-se como o país com o maior aumento, registrando um crescimento de 2,3% em 2024. Na sequência, a Itália apresentou um aumento de 1,9%, seguida pelo Chile, com 1,6%. Esses dados sugerem uma melhoria no mercado de trabalho entre 2023 e 2024.

Tabela A1 - Taxas de emprego, desemprego e inatividade, 2023 e 2024

Países	TAXA DE EMPREGO			TAXA DE DESEMPREGO			TAXA DE INATIVIDADE		
	2023	2024	VAR (%)	2023	2024	VAR (%)	2023	2024	VAR (%)
Austrália	64.3	64.2	-0.1	3.6	4.1	12.9	33.3	33.1	-0.8
Brasil	58.0	59.3	2.3	7.7	6.3	-17.4	37.2	36.7	-1.3
Canadá	62.4	61.2	-1.8	5.8	6.8	16.5	33.8	34.3	1.6
Chile	55.6	56.5	1.6	9.3	8.9	-3.8	38.7	38.0	-1.9
Colômbia	58.4	57.9	-0.9	8.9	9.1	2.0	35.9	36.3	1.2
Espanha	51.5	51.8	0.5	11.9	11.2	-5.8	41.5	41.7	0.5
EUA	60.5	60.2	-0.5	3.8	4.3	12.9	37.1	37.1	0.1
França	52.3	52.7	0.8	7.5	7.6	1.2	43.5	43.0	-1.1
Holanda	66.2	66.2	-0.1	3.6	3.7	2.6	31.3	31.3	0.0
Itália	46.1	47.0	1.9	7.3	5.6	-22.8	50.2	50.3	0.1
Japão	61.5	61.9	0.7	2.6	2.6	0.0	36.8	36.4	-1.1
México	58.8	58.6	-0.4	3.0	3.0	1.0	39.4	39.6	0.6
Noruega	63.7	63.0	-1.1	3.6	3.9	9.8	34.0	34.4	1.3
Portugal	55.1	55.2	0.1	6.1	6.1	-0.1	41.3	41.3	0.1

Fonte: OIT (2025).

Por outro lado, alguns países registraram aumentos consideráveis nas taxas de desemprego, indicando um enfraquecimento no mercado de trabalho. Um exemplo notável é o Canadá, onde a taxa de desemprego passou de 5,8% para 6,8% em 2024, representando uma variação de 16,5%. Outros países que também registraram aumentos expressivos foram a Austrália e os Estados Unidos, com variações de 12,9%

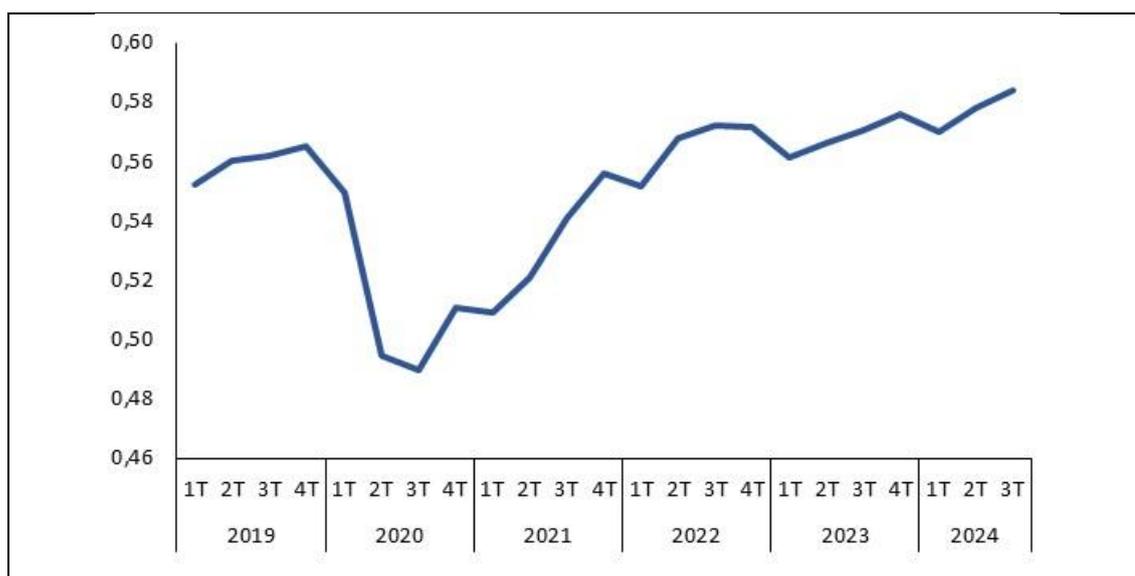
em ambos os casos. Contudo, é importante ressaltar que o Brasil e a Itália apresentaram quedas nas taxas de desemprego, com variações de -17,4% e -22,8%, respectivamente.

Por fim, a taxa de inatividade, que indica a proporção de pessoas fora da força de trabalho, apresentou variações relativamente modestas na maioria dos países analisados. No entanto, destacam-se o Canadá e a Noruega, que registraram aumentos superiores a 1% em suas taxas. Em contraste, o Brasil e o Chile apresentaram reduções de 1% em suas taxas, o que sugere uma maior inclusão da população ativa no mercado de trabalho.

2 POPULAÇÃO OCUPADA

Para a população ocupada, inicialmente é analisada a taxa de emprego no país, pois se trata de uma medida mais objetiva, que pode captar a capacidade da atividade econômica na criação de postos de trabalho (Borjas, 2012). Assim, a Figura 3 mostra que a tendência de recuperação pós Pandemia de Covid-19. No ano de 2024 houve o aumento na taxa de emprego no primeiro, segundo e terceiro trimestres, em 0,57%, 0,58% e 0,58%, respectivamente, sendo que no mesmo período do ano de 2023 o valor era de 0,56%, 0,57% e 0,57%, respectivamente.

Figura 3 – Taxa de emprego no Brasil, 2019 até o terceiro trimestre de 2024

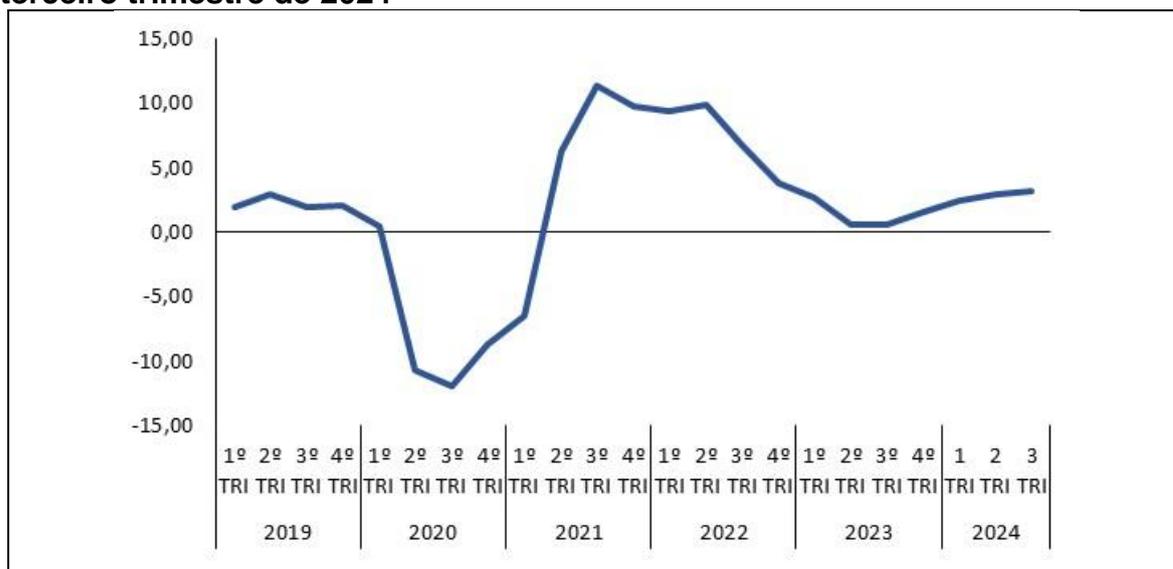


Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Na Figura 4, com a taxa de crescimento da população ocupada, verifica-se uma tendência de crescimento após o terceiro trimestre de 2023, passando de 0,57% para

3,20% no mesmo período de 2024. Em números, a população ocupada passou de 99.838 para 103.029 milhões de pessoas. O aumento da população ocupada se deu pelas contratações nos setores de transporte, informática e serviços pessoais. Setores como agropecuária, serviços domésticos e de utilidade pública obtiveram uma queda no número de contratações, mas que não foram significativas para a população ocupada (Agência GOV, 2024).

Figura 4 – Taxa de crescimento da população ocupada no Brasil, 2019 até o terceiro trimestre de 2024



Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Em relação à composição da população ocupada no Brasil, a Tabela 2 descreve a variação entre os anos de 2023 e 2024, para o segundo e terceiro trimestre, mostrando algumas tendências para sexo, idade, escolaridade e raça. Quanto ao sexo, observa-se que houve uma variação negativa na participação dos homens na população ocupada, sendo de 0,09% no segundo trimestre de 2023/2024 e de -0,39% no terceiro trimestre de 2023/2024. Já para as mulheres, a variação foi positiva, de -0,12% no segundo trimestre para 0,52% para o terceiro trimestre, entre 2023 e 2024. Assim, as mulheres obtiveram um aumento significativo na população ocupada.

No tocante à idade, a Tabela 2 mostra que as faixas etárias de 14 até 17 anos, 40 até 59 anos e 60 anos ou mais apresentaram variações positivas no período. A população mais jovem, de 14 até 17 anos, apresentou variação de 0,87% no segundo trimestre de 2023/2024 e de 7,29% no terceiro trimestre de 2023/2024. Para a faixa etária de 40 até 59 anos, as variações foram de 1,00% do segundo trimestre e 1,12% do terceiro trimestre de 2023/2024. Na faixa etária 60 anos ou mais, as variações foram de 3,81% no segundo trimestre para 4,77% no terceiro trimestre de 2023/2024. Para

as faixas etárias de 18 até 39 anos, as variações mostraram-se negativas, sendo entre 18 e 24 anos a variação de -1,61% no segundo trimestre e -1,54% no terceiro trimestre de 2023/2024, e entre 25 e 39 anos de -1,25% no segundo trimestre e -1,83% no terceiro trimestre de 2023/2024. Com isso, nota-se que a população mais jovem e a população com mais idade são as que apresentaram variações positivas em relação à população ocupada.

Tabela 2 – Composição da população ocupada, segundo o sexo, idade, escolaridade e raça, Brasil, 2023 e 2024

VARIÁVEL	2023		2024		Variação % 2023/2024	
	2º TRI	3º TRI	2º TRI	3º TRI	2º TRI	3º TRI
SEXO						
Homem	57,00	57,07	57,05	56,85	0,09	-0,39
Mulher	43,00	42,93	42,95	43,15	-0,12	0,52
IDADE						
14 até 17 anos	1,37	1,33	1,38	1,42	0,87	7,29
18 até 24 anos	12,93	12,83	12,72	12,63	-1,61	-1,54
25 até 39 anos	38,88	38,71	38,40	38,00	-1,25	-1,83
40 até 59 anos	39,21	39,40	39,60	39,84	1,00	1,12
60 anos ou mais	7,61	7,74	7,90	8,11	3,81	4,77
EDUCAÇÃO						
Sem instrução ou < 1 ano	2,11	2,16	1,95	2,01	-7,43	-6,92
Ensino Fundamental incompleto	18,04	17,80	17,27	17,33	-4,27	-2,65
Ensino Fundamental completo	6,96	6,92	6,85	6,80	-1,70	-1,69
Ensino Médio incompleto	6,89	6,90	6,74	6,85	-2,08	-0,63
Ensino Médio completo	36,54	36,54	36,92	37,05	1,05	1,41
Ensino Superior incompleto	6,34	6,36	6,40	6,28	1,04	-1,33
Ensino Superior completo	23,12	23,33	23,86	23,68	3,20	1,51
COR OU RAÇA						
Branca	44,30	44,20	43,53	43,22	-1,73	-2,21
Preta	11,37	11,28	11,40	11,64	0,22	3,18
Parda	43,13	43,35	43,97	44,02	1,95	1,55
Demais	1,20	1,17	1,10	1,12	-8,04	-4,34

Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Com relação ao grau de escolaridade, na Tabela 2 verifica-se que ensino médio completo e ensino superior completo apresentaram variações positivas em ambos os trimestres, evidenciando a importância da conclusão dos estudos para o mercado de trabalho. No caso do ensino médio completo, a variação foi de 1,05% no segundo trimestre e 1,41% no terceiro trimestre de 2023/2024. Para o ensino superior completo, a variação foi de 3,20% no segundo trimestre e 1,51% no terceiro trimestre de

2023/2024. Nos demais graus de escolaridade, as variações foram negativas, especialmente para quem não possui instrução ou o ensino fundamental incompleto.

Por fim, na Tabela 2, observa-se uma variação negativa para quem é branco ou está inserido nas demais raças, cor ou etnia. As variações foram de -1,73% no segundo trimestre e -2,21% no terceiro trimestre de 2023/2024 para brancos e de -8,04% no segundo trimestre e -4,34% no terceiro trimestre de 2023/2024 para as demais raças. Já pessoas pretas e pardas apresentaram variações positivas, que podem ser justificadas pelos reflexos de ações afirmativas. A variação para pessoas pretas foi de 0,22% no segundo trimestre e 3,18% no terceiro trimestre de 2023/2024 e para pessoas pardas foi de 1,95% no segundo trimestre e 1,55% no terceiro trimestre de 2023/2024.

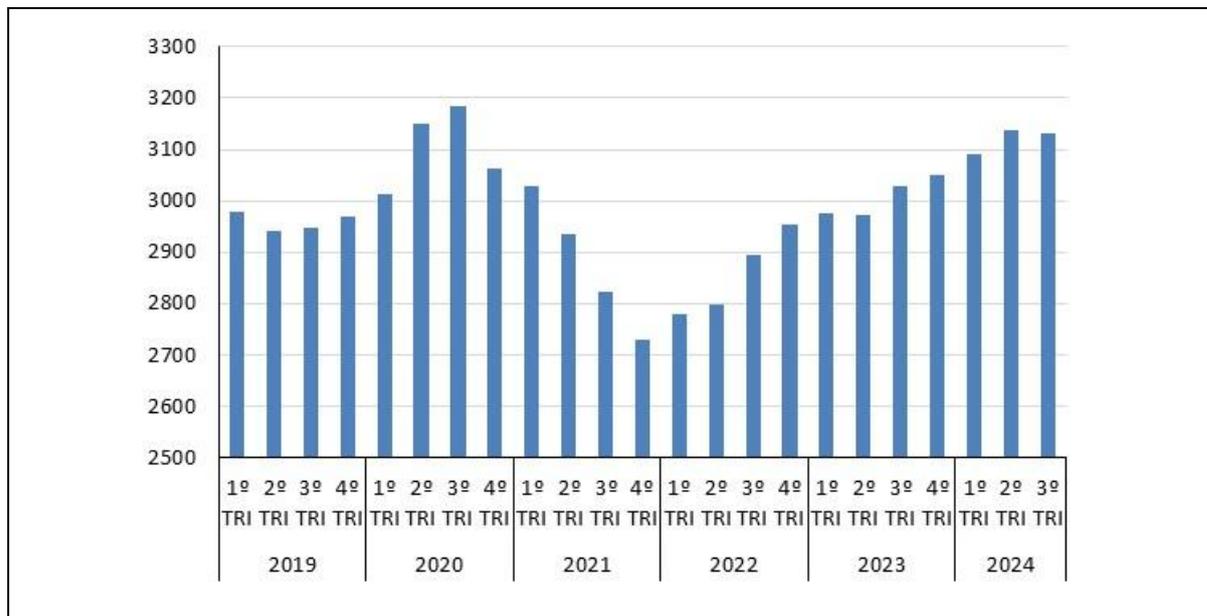
Portanto, os dados analisados para a população ocupada nas Figuras 3 e 4 e na Tabela 2 mostram um cenário de aquecimento do mercado de trabalho e tendências de crescimento, com recorde de número de pessoas ocupadas da série histórica da PNADC, com a criação de novos postos de trabalho e a queda na taxa de desocupação, que é também analisada na seção 7, bem como que houve aumento significativo para diferentes grupos demográficos, como as mulheres, os mais qualificados e pessoas pretas e pardas.

3 RENDIMENTOS

Na Figura 5 pode ser observado o rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal, do primeiro trimestre de 2019 até o terceiro trimestre de 2024. Nota-se uma trajetória de crescimento a partir do segundo trimestre de 2023, embora tenha ocorrido ligeiro declínio no terceiro trimestre de 2024. Conforme Figura 5, pode-se perceber que o recorde dos últimos anos foi alcançado no segundo trimestre de 2024, em que o valor alcançado foi de R\$ 3.113,00.

Já o pico da série, ocorrido em 2020, pode ser explicado pela pandemia e seus auxílios sociais, uma vez que os trabalhadores menos qualificados e com menores rendimentos ficaram fora do mercado de trabalho, ocasionando um aumento da média dos rendimentos. Após a pandemia e com o regresso dos trabalhadores ao mercado de trabalho, a média acompanha uma trajetória de queda que volta a ser revertidas em 2022.

Figura 5 – Rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal, Brasil, 2019 até 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

Ao analisarmos a Tabela 3, temos os dados de rendimento por sexo, idade, educação e raça, em que podemos notar algumas desigualdades significativas. Os homens ganham mais que as mulheres e continuaram a ter seus rendimentos aumentados em maior escala em ao longo dos três primeiros trimestres de 2024.

Observando os rendimentos por idade, percebe-se aumento significativo dos rendimentos para pessoas com 60 anos ou mais tendo a maior variação no segundo trimestre de 2024, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. Muito desse aumento, pode ser explicado pela volta de política de valorização do salário mínimo, que é também fator indexador de aposentadorias e pensões.

Em termos de raça, os brancos ainda continuam tendo os maiores rendimentos que pretos e pardos e ao observarmos as séries ao longo do tempo, não parece estar ocorrendo uma trajetória de mudança desse paradigma, uma vez que as variações acabam por manter o quadro atual.

Para fins de análise, a economia brasileira foi segmentada entre os três principais setores, conforme observado na Figura 6, em que aparecem os rendimentos na Agricultura, Indústria e Serviços. Percebe-se um movimento de convergência entre a renda do setor de serviços e o setor industrial, que se torna mais fraco no Brasil com o passar do tempo. Evidentemente, verifica-se o impacto negativo da pandemia no

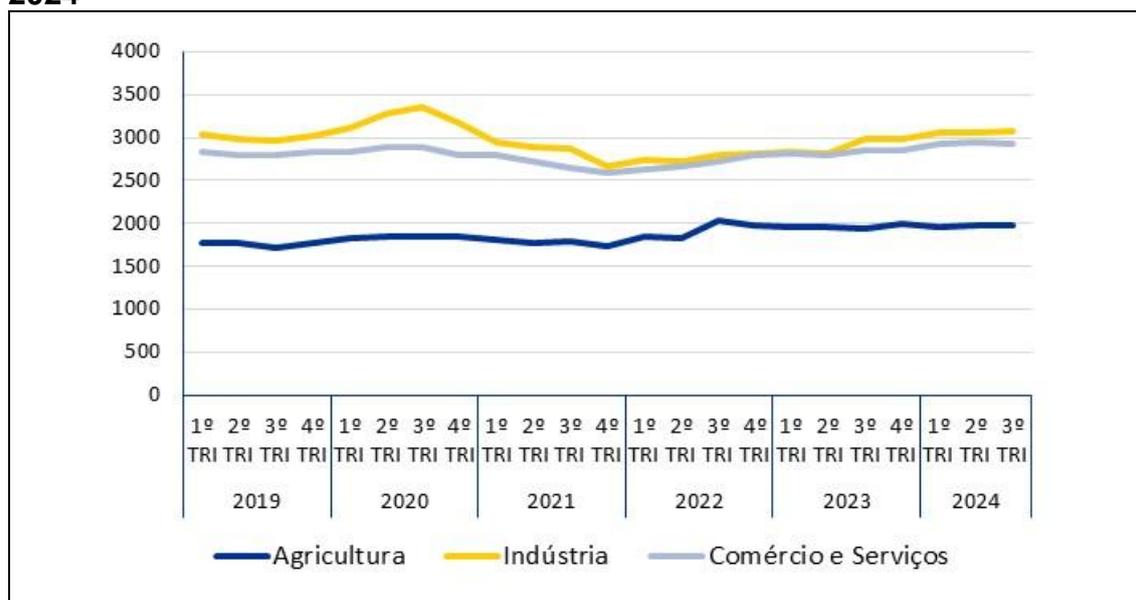
setor de Comércio e Serviços, com melhor desempenho Indústria ao longo de 2020-21 e um forte retorno dos serviços após o período pandêmico.

Tabela 3 – Rendimento médio mensal real segundo o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a raça ou cor da pele, Brasil, 2023-2024 (R\$)

VARIÁVEL	2023		2024		VARIACÃO (%)	
	II TRI	III TRI	II TRI	III TRI	II TRI	III TRI
SEXO						
Homem	3.255	3.318	3.451	3.459	6,0	4,2
Mulher	2.591	2.636	2.718	2.697	4,9	2,3
IDADE						
14 até 17 anos	910	906	923	956	1,4	5,5
18 até 24 anos	1.691	1.729	1.755	1.772	3,8	2,5
25 até 39 anos	2.958	3.007	3.105	3.120	5,0	3,8
40 até 59 anos	3.374	3.430	3.554	3.536	5,3	3,1
60 anos ou mais	3.445	3.525	3.770	3.639	9,4	3,2
EDUCAÇÃO						
Sem instrução ou < 1 ano	1.436	1.442	1.485	1.575	3,4	9,2
Ensino Fundamental incompleto	1.710	1.693	1.723	1.720	0,8	1,6
Ensino Fundamental completo	1.907	1.936	2.009	2.038	5,3	5,3
Ensino Médio incompleto	1.769	1.798	1.835	1.835	3,7	2,1
Ensino Médio completo	2.240	2.274	2.343	2.353	4,6	3,5
Ensino Superior incompleto	2.857	2.872	2.925	2.963	2,4	3,2
Ensino Superior completo	5.909	6.049	6.229	6.200	5,4	2,5
COR OU RAÇA						
Branca	3.776	3.882	4.042	4.023	7,0	3,6
Preta	2.270	2.268	2.368	2.400	4,3	5,8
Parda	2.305	2.332	2.420	2.430	5,0	4,2

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

Figura 6 – Rendimentos segundo os setores da economia, Brasil, 2019 até 2024

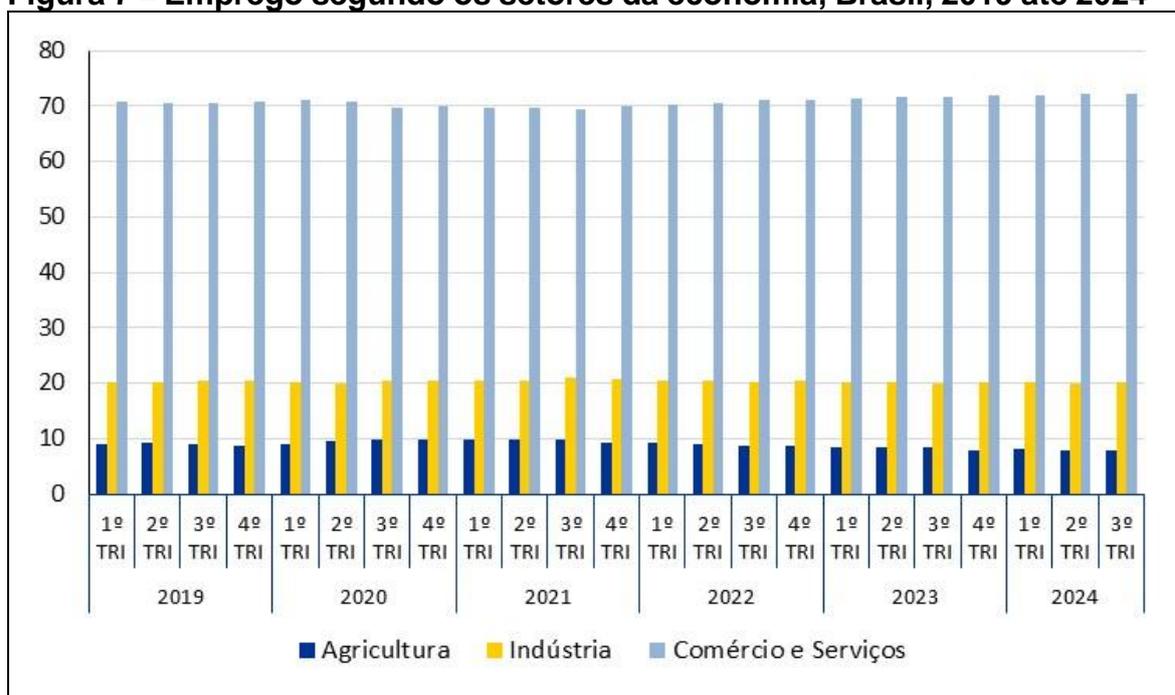


Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

Ao mesmo tempo, apesar do grande crescimento da produtividade apresentado ao longo dos últimos anos, o setor de Agricultura parece não apresentar capacidade similar para crescimento da renda e equalizar os números com os outros dois setores da economia.

Na Figura 7 temos a composição de empregos pelos mesmos setores da economia brasileira. O setor de Comércio e Serviços é predominante na geração de empregos, respondendo por praticamente 70% da massa de empregos. E apesar da relativa desindustrialização, o setor industrial continua sendo o segundo com maior empregabilidade, com quase 20% dos empregos. Durante o período observado, ocorreu relativa estabilidade na composição, com destaque para a pequena queda dos trabalhadores da Agricultura e leve aumento no setor de Serviços.

Figura 7 – Emprego segundo os setores da economia, Brasil, 2019 até 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

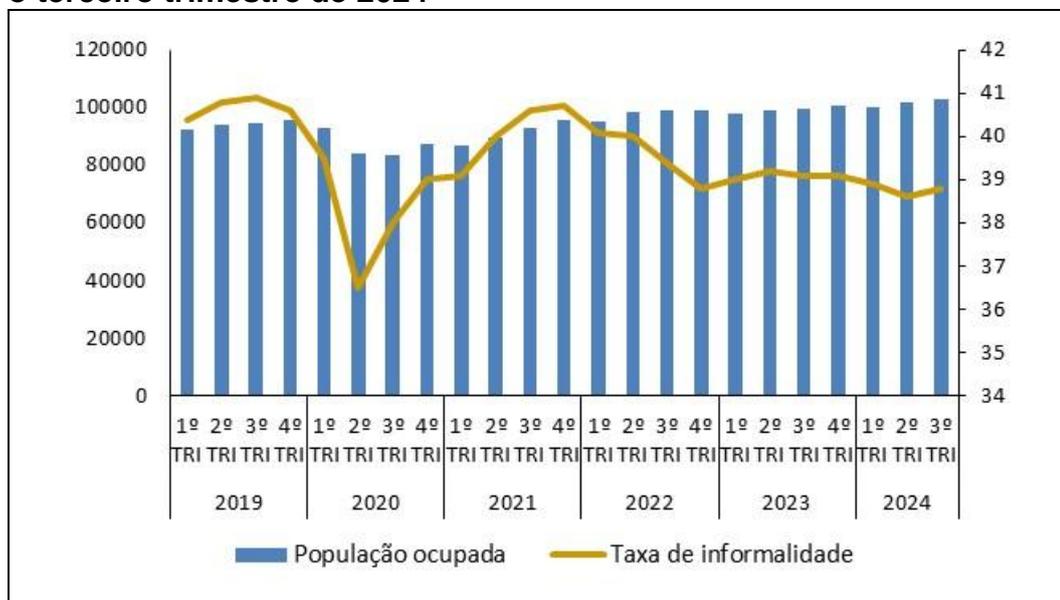
5 INFORMALIDADE

A informalidade é conceituada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por pessoas ocupadas como empregado no setor privado, exclusive trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada, trabalhador doméstico – sem carteira de

trabalho assinada, empregador sem CNPJ, conta própria sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar no trabalho principal.

Na Figura 8 pode ser observada a taxa de informalidade no Brasil, de 2019 até 2024. É possível observar certa variação ao longo dos anos, mas a partir do quarto trimestre de 2022 se inicia uma pequena estabilidade. No entanto a partir do segundo trimestre de 2023 deu-se início uma queda da informalidade, que parou no segundo trimestre de 2024, saindo de 39,2% em 2023 e chegando a 38,6% no ano de 2024, uma queda de 0,6% pontos percentuais. Entretanto no terceiro trimestre de 2024 a informalidade sofreu um aumento de 0,2%.

Figura 8 – População ocupada e taxa de informalidade, Brasil, 2019 até o terceiro trimestre de 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

Ao analisar a variação um ano para outro ano, é perceptível a queda da informalidade no segundo trimestre de 2020, isso ocorreu por conta da pandemia do Covid – 19, em que as pessoas em situação de informalidade tiveram seus vínculos empregatícios rescindidos por conta da quarentena no país. Contudo no ano de 2021 ocorreu um aumento da informalidade, chegando no marco histórico de 40,7%, em virtude de que aplicativos de alimentos, locomoção entre outros, tiveram alta adesão da população durante o período da pandemia.

Na Tabela 4 é apresentado a taxa de informalidade, segundo o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a raça ou cor da pele entre os anos de 2023 e 2024, no Brasil. É notável a queda do terceiro trimestre de 2023 e 2024 sendo eles 30,7% para 29,2%, respectivamente, assim apresentando uma diferença de -4,9% da informalidade no

grupo de pessoas com superior incompleto, em contrapartida o grupo de pessoas com ensino superior completo sofreu um aumento de 1,6% sendo este a maior variação do terceiro trimestre de 2024. Na taxa de informalidade a variação no terceiro trimestre por sexo para homens foi de 0,7%, enquanto para mulheres foi 0,8%.

Tabela 4 – Taxa de informalidade, segundo o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a raça ou cor da pele, Brasil, 2023-2024

VARIÁVEL	2023		2024		VARIÇÃO (%)	
	II TRI	III TRI	II TRI	III TRI	II TRI	III TRI
SEXO						
Homem	40,5	40,4	40	40,1	-1,2	-0,7
Mulher	37,4	37,4	36,8	37,1	-1,6	-0,8
IDADE						
14 até 17 anos	76,9	75,7	72,9	73,7	-5,2	-2,6
18 até 24 anos	42,3	41,9	41,7	41,8	-1,4	-0,2
25 até 39 anos	34,8	34,7	34,5	34,4	-0,9	-0,9
40 até 59 anos	38,2	38,2	37,5	37,7	-1,8	-1,3
60 anos ou mais	54,4	54,9	53,5	54,1	-1,7	-1,5
EDUCAÇÃO						
Sem instrução ou < 1 ano	72,5	72,5	71,1	70	-1,9	-3,4
Ensino Fundamental incompleto	62,9	63	63,3	63,6	0,6	1
Ensino Fundamental completo	52,3	52,7	53,7	52,9	2,7	0,4
Ensino Médio incompleto	51,8	51,1	51	51,9	-1,5	1,6
Ensino Médio completo	35,1	35	34,7	34,5	-1,1	-1,4
Ensino Superior incompleto	29,4	30,7	29	29,2	-1,4	-4,9
Ensino Superior completo	19	19	19	19,3	0	1,6
COR OU RAÇA						
Branca	33,5	33,6	33,3	33,5	-0,6	-0,3
Preta	41,5	42,1	41,5	41,8	0	-0,7
Parda	44,1	43,9	43,2	43,2	-2	-1,6

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNADC/IBGE.

Um grupo que teve grande variação no terceiro trimestre foi a idade, pessoas entre 14 até 17 anos foram as pessoas que mais deixaram a informalidade em relação trimestre de 2023, em contrapartida pessoas entre 18 até 24 anos tiveram a menor queda, sendo de -0,2% em relação ao mesmo trimestre de 2023.

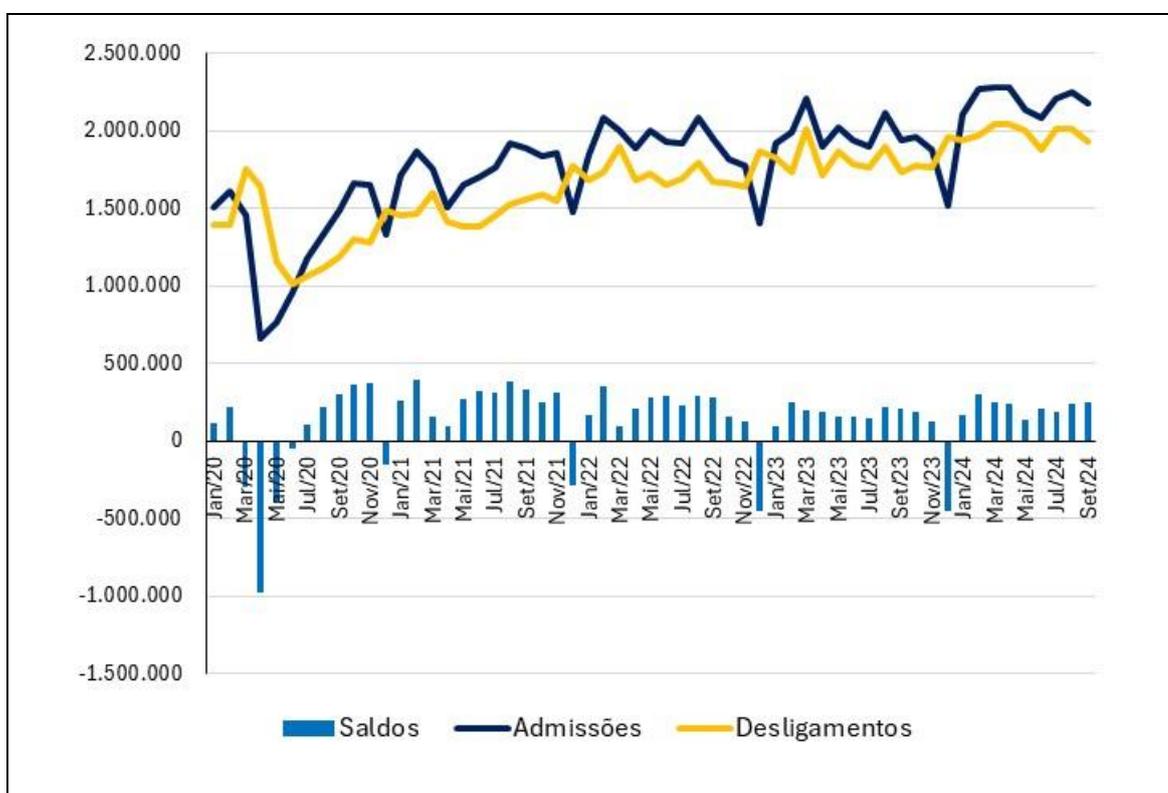
6 EMPREGO FORMAL

Conceitualmente, o emprego formal é definido como sendo “aquele que está devidamente registrado e regulamentado de acordo com as leis trabalhistas de um país” (CUNHA *et al.*, 2024). No caso do Brasil, isso significa que o vínculo empregatício é regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A seguir está exposto uma

análise descritiva dos saldos de emprego formal no período de 2020 a 2024, por Unidade Federativa e por segmentos econômicos.

Nesse contexto, a Figura 8 apresenta que os saldos de empregos formais sofreram variações significativas ao longo do período analisado. Em 2020, observa-se uma queda abrupta no saldo, coincidindo com o início da pandemia de COVID-19. Esse período foi marcado por incertezas econômicas e restrições que impactaram diretamente o mercado de trabalho. A partir de 2021, há uma tendência de recuperação gradual, com o saldo apresentando variações positivas. Na Figura 8 observam-se que os saldos tiveram um aumento contínuo a partir de 2021, tendo seu pico em 2024.

Figura 8 – Evolução mensal dos empregos formais, Brasil, 2020 até 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do CAGED.

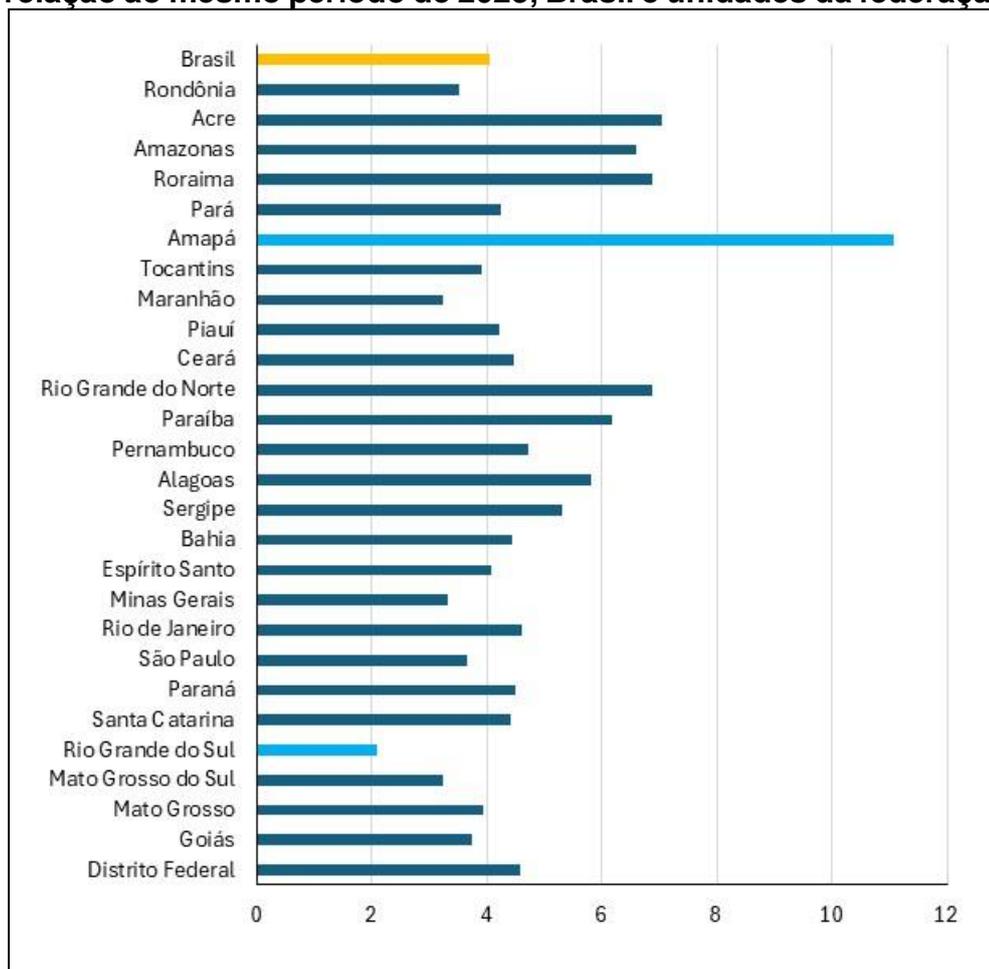
No período, específico, de setembro de 2023 a setembro de 2024, os dados mostram uma relativa estabilidade nos saldos, com uma ligeira tendência de alta. As admissões e desligamentos estão mais equilibrados nesse período, sem os picos e quedas abruptos observados em períodos anteriores. Isso indica uma certa normalização do mercado de trabalho após os choques econômicos anteriores. Bem como reflete uma recuperação econômica mais consistente e uma adaptação às novas condições do mercado de trabalho. Segundo dados do CAGED (2024), no período

citado, o Brasil registrou cerca de 1,83 milhão de saldo mensal médio de empregos formais.

Observando o comportamento dos saldos, demissões e admissões no mês de dezembro de cada ano, é possível notar algumas tendências interessantes. Pois, observa-se que no referido mês os saldos são negativos (ou seja, a quantidade de admissões é menor do que as demissões). Segundo a CNN BRASIL (2025), o saldo negativo de empregos formais do mês de dezembro de 2024 pode ter sofrido influência da taxa básica de juros elevada. Apesar do saldo negativo, o mês de dezembro de 2024 apresentou um “aumento de +1,57% no salário médio real de admissão quando comparado com o valor do mesmo período de 2023” (CAGED, 2025).

A Figura 9 apresenta a variação no mercado formal no período de setembro de 2023 até setembro de 2024, segundo os estados brasileiros e média de variação Brasil. Nota-se que a variação do Brasil para o período foi de 4,0%. Todos os estados tiveram variação positiva. O Amapá se destaca como sendo o estado com maior variação (11,1%), por outro lado, o Rio Grande do Sul foi o estado com a menor variação (2,1%). As variações refletem diferentes dinâmicas econômicas regionais, como o crescimento de setores específicos em determinados estados. Segundo o CAGED (2025), o Amapá teve um saldo positivo impulsionado pelo setor de serviços. Ainda segundo o referido órgão, o baixo crescimento de saldos no Rio Grande do Sul, em muito se explica pelas fortes enchentes que acometeram o estado, ainda assim, o saldo positivo foi impulsionado pelo setor de serviços. Já a indústria foi o setor que apresentou a maior queda de saldos (CAGED, 2025).

A Tabela 4 apresenta dados relacionados ao estoque de empregos formais por seguimentos econômicos. A nível nacional (Brasil), observa-se um saldo geral positivo de 2.212.061 empregos, com uma variação de 4,9%. No entanto, a dinâmica varia significativamente entre os setores, em que: 1) Agropecuária: Apresenta o menor crescimento percentual (3%), com um saldo de 54.184 empregos; 2) Indústria Geral: Acompanha a média nacional (4,9%), com saldo de 421.504 empregos; 3) Construção: Destaca-se com o maior crescimento percentual (7,4%), saldo de 203.533 empregos; 4) Comércio: Apresenta um crescimento moderado (3,4%), com saldo de 350.319 empregos; 5) Serviços: Lidera em números absolutos, com saldo de 1.182.581 empregos e crescimento de 5,3%.

Figura 9 – Variação (%) do emprego formal de janeiro até 2024 em relação ao mesmo período de 2023, Brasil e unidades da federação

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do CAGED.

Tabela 4 – Estoque, no início de 2024, admissões, desligamentos, saldo e variação, emprego formal, setores da atividade econômica, janeiro de 2004 até setembro de 2024

ATIVIDADES ECONÔMICAS	Estoque	Admissões	Desligamentos	Saldos	Variação (%)
Brasil	45.517.275	23.812.026	21.599.965	2.212.061	4,9
Agropecuária	1.785.470	1.160.067	1.105.883	54.184	3
Indústria geral	8.620.621	3.734.574	3.313.070	421.504	4,9
Construção	2.748.069	2.299.380	2.095.847	203.533	7,4
Comércio	10.246.841	5.534.918	5.184.599	350.319	3,4
Serviços	22.116.274	11.083.033	9.900.452	1.182.581	5,3
<i>Transporte, armaz. e correio</i>	2.699.040	1.288.425	1.149.156	139.269	5,2
<i>Alojamento e alimentação</i>	2.153.875	1.480.824	1.384.495	96.329	4,5
<i>Informação e outros</i>	9.755.572	5.751.359	5.233.639	517.720	5,3
<i>Administração pública</i>	6.045.090	1.940.371	1.594.446	345.925	5,7
<i>Serviços domésticos</i>	966	889	147	77	15,2
<i>Outros serviços</i>	1.461.731	537.827	83.191	923.904	5,7
Não identificado	54	114	-60	--	--

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do CAGED.

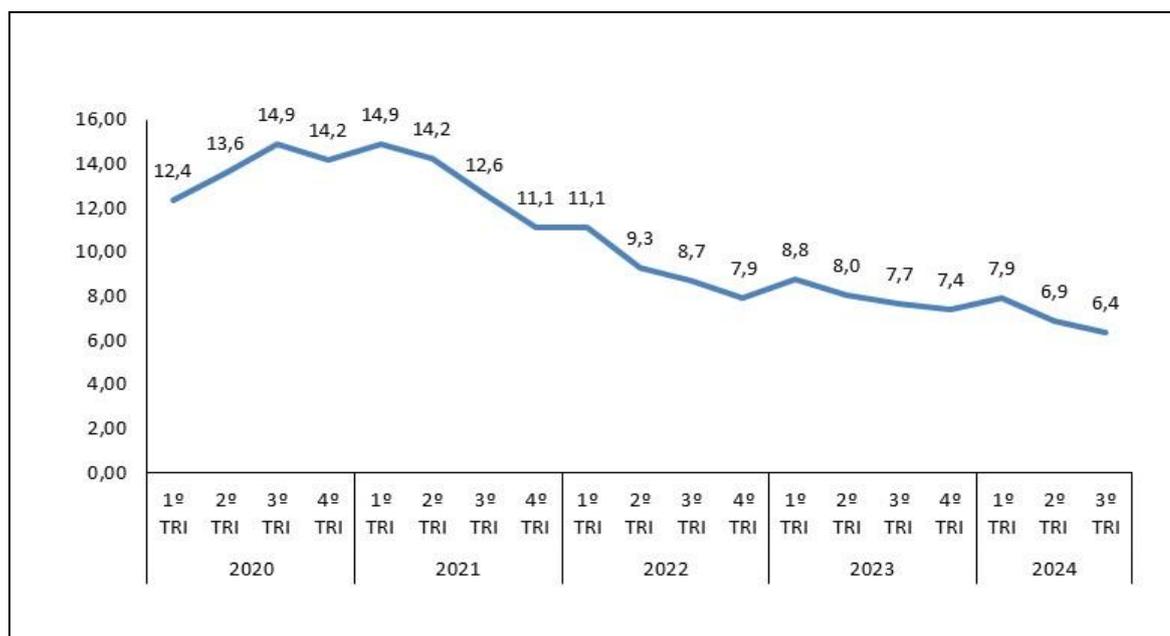
De acordo com a IstoÉ (2024) o segmento econômico de destaque é o setor de serviços, devido a sua grande capacidade de gerar empregos no ano de 2024. Tal capacidade está atrelada à diversidade do setor, expansão de serviços de tecnologia, saúde e educação. Quanto a indústria, especialmente, a indústria de transformação impulsionou a geração de empregos. Por fim, a baixa empregabilidade no setor agropecuário está atrelada a sazonalidade.

7 DESEMPREGO E SUBUTILIZAÇÃO

Nos últimos anos, apesar da elevada taxa de desemprego, de 2020 até 2024 foi observado uma tendência de queda, causada principalmente pelo retorno das atividades econômicas, após a pandemia, com o crescimento econômico do período recente.

Conforme a Figura 10, a partir do primeiro trimestre de 2021, a taxa de desocupação foi de 14,9% no primeiro trimestre decaindo ao longo do ano, atingindo 11,1% no terceiro trimestre. E, ainda em cenário pandêmico, também se observa a queda contínua na taxa de desocupação no ano de 2022, principalmente pelo fato de que o PIB (Produto Interno Bruto) de 2022 apresentou uma elevação em comparação com o PIB de 2021, conforme o IBGE (2023) começando o primeiro trimestre com 11,1%, chegando em 8,7% no terceiro trimestre e finalizando em 7,9% no quarto trimestre.

Figura 10 – Evolução da taxa de desocupação, Brasil, 2019 - 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE.

Com o fim da pandemia, apesar de uma pequena alta no início de 2023, o nível de desemprego estava em 8,8% no primeiro trimestre, mas reduziu para 7,4% no quarto trimestre, motivado especialmente pelo recorde no número de pessoas ocupadas, segundo o que o IBGE. Já em 2024, o primeiro trimestre iniciou em 7,9%, uma pequena elevação de 0,05 pontos percentuais, partindo para o segundo trimestre, a taxa em desocupação foi de 6,9%, chegando no terceiro trimestre em 6,4%.

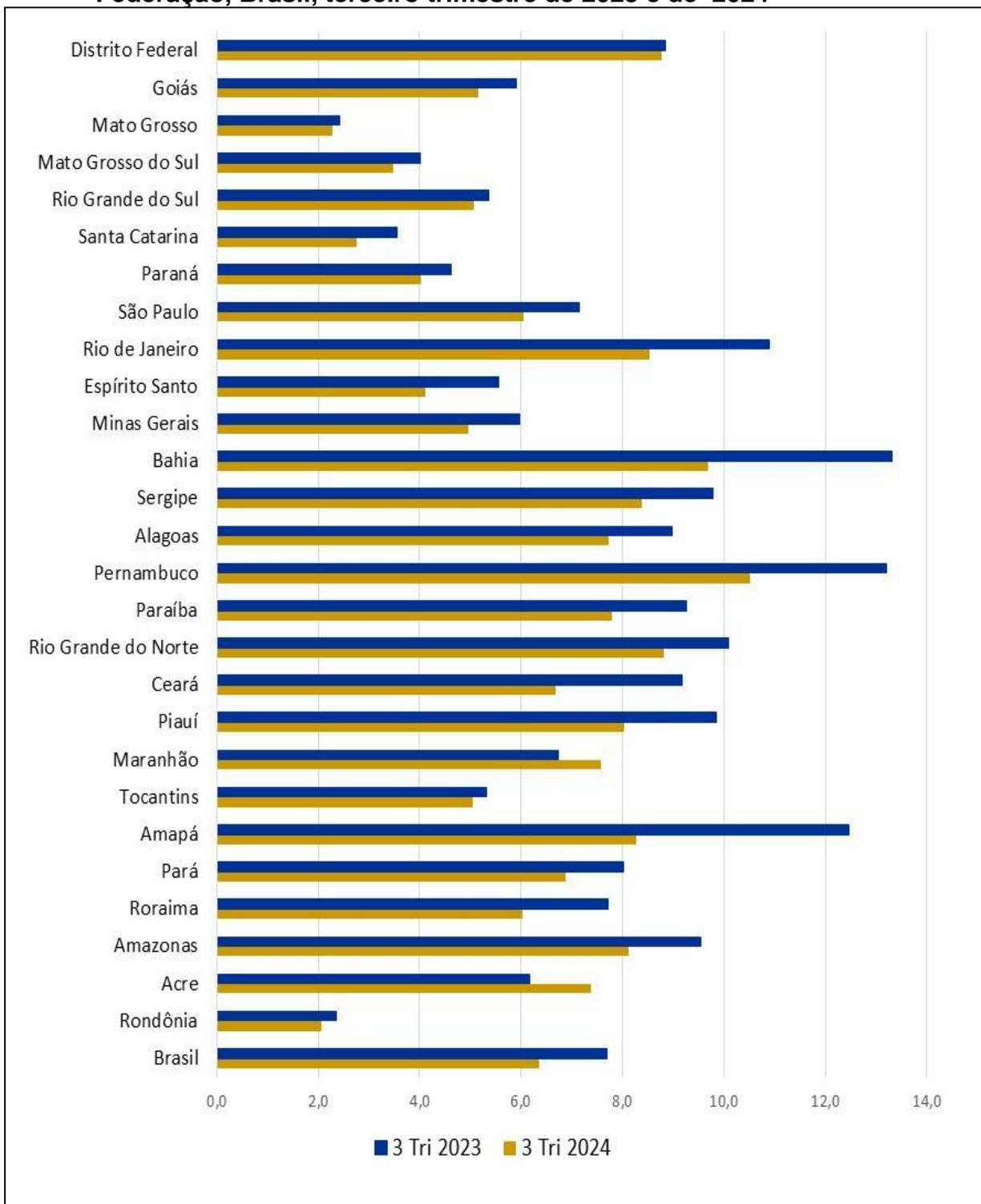
Além de observar o padrão cíclico do desemprego, em que os primeiros meses apresentam taxas mais altas e no decorrer do ano, com o aquecimento da economia, a taxa decaí no final do ano. O terceiro trimestre de 2024 representou a menor taxa de desemprego para o período com dados disponível da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), desde 2012. Segundo a Adriana Beringuy, coordenadora de Pesquisas Domiciliares do IBGE, este resultado é devido à alta na demanda por trabalhadores nas atividades econômicas.

Partindo para as unidades federativas do país, na Figura 11, no terceiro trimestre de 2024 a maior taxa de desocupação foi no estado de Pernambuco com taxa em 10,5%, em contrapartida, a menor foi em Rondônia, com 2,1%. No que diz respeito ao Estado do Paraná, a taxa de desocupação foi de 4,0% no terceiro trimestre de 2024.

Na Tabela 5 tem-se a composição da população desocupada e a taxa de desocupação segundo o sexo, idade, escolaridade e raça no Brasil no segundo e terceiro trimestre de 2023 e 2024. Observando pela perspectiva de sexo, temos que o terceiro trimestre de 2024 em relação ao mesmo trimestre de 2023 foi registrado queda, tanto para a população feminina e quanto para a masculina, na taxa de desemprego, sendo de 9,3% para 7,7% para as mulheres e de 6,4% para 5,3% para os homens.

Já considerando a composição segundo as faixas etárias, a população entre 14 até 17 anos, apesar da queda no nível de desemprego, saindo de 28,2% no terceiro trimestre de 2023 para 25,1% no mesmo período de 2024, foi a parcela da população com a taxa de desemprego mais alta. Logo em seguida, a população entre 18 até 24 anos, apresentou uma taxa de 13,4% no terceiro trimestre de 2024.

Figura 11 – Taxa de desocupação, segundo as Unidades da Federação, Brasil, terceiro trimestre de 2023 e de 2024



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE.

Para a população de 25 até 39 anos, o nível de desemprego foi de 5,9%. Importante destacar que, os jovens (população entre 15 e 24 ou 29 anos) enfrentam consideráveis dificuldades tanto para decidir, tanto para se inserir no mercado de trabalho, enfrentando desde dificuldades como falta de escolaridade e experiências

para as vagas de emprego até para a escolha entre estudo e trabalho, bem como a conciliação entre ambos, o que pode a longo prazo causar consequências negativas tanto para a economia do país até para os indivíduos, segundo o FGV IBRE (ano 2025). Agora, na população entre os de 40 até 59 anos, a taxa de desocupação foi de 4,1% e para a população de 60 anos ou mais, o desemprego ficou em 3% para o período, mostrando que a taxa de desemprego se relaciona negativamente com as faixas etárias da população.

Tabela 5 – Composição da população desocupada e taxa de desocupação, segundo o sexo, idade, escolaridade e raça, Brasil, 2023-2024

VARIÁVEL	Composição				Taxa			
	2023		2024		2023		2024	
	III TRI	IV TRI	III TRI	IV TRI	III TRI	IV TRI	III TRI	IV TRI
SEXO								
Homem	48,0	46,9	45,8	47,1	6,9	6,4	5,6	5,3
Mulher	52,0	53,1	54,2	52,9	9,6	9,3	8,6	7,7
IDADE								
14 até 17 anos	6,9	7,0	7,3	7,0	30,2	28,2	28,2	25,1
18 até 24 anos	29,4	28,7	28,6	28,8	16	15,3	14,3	13,4
25 até 39 anos	35,2	35,5	34,9	35,3	7	6,9	6,3	5,9
40 até 59 anos	25,3	25,3	25,8	25,2	5,1	4,9	4,6	4,1
60 anos ou mais	3,1	3,5	3,4	3,7	3,2	3,5	3,1	3
EDUCAÇÃO								
Sem instrução ou < 1 ano	1,8	1,6	1,6	1,8	6,4	6,1	5,6	5,8
Ensino Fund. incompleto	17,9	18,9	17,2	16,9	7,7	7,9	6,9	6,2
Ensino Fund. completo	9,1	9,0	8,2	8,7	9,9	9,3	8,2	8
Ensino Médio incompleto	12,9	12,9	11,9	12,3	13,5	13	11,5	10,8
Ensino Médio completo	41,3	40,2	42,4	41,5	8,6	8	7,8	7,1
Ensino Superior incompleto	6,9	6,3	6,6	7,2	8,3	7,6	7,1	7,2
Ensino Superior completo	10,1	11,0	12,2	11,7	3,5	3,6	3,6	3,2
COR OU RAÇA								
Branca	34,2	34,0	34,7	33,9	6,3	5,9	5,5	5
Preta	14,8	14,9	14,1	14,11	10	9,6	8,5	7,6
Parda	50,0	50,1	50,2	50,3	9,3	8,9	7,8	7,3
Demais	1,1	1,0	1,3	1,0	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

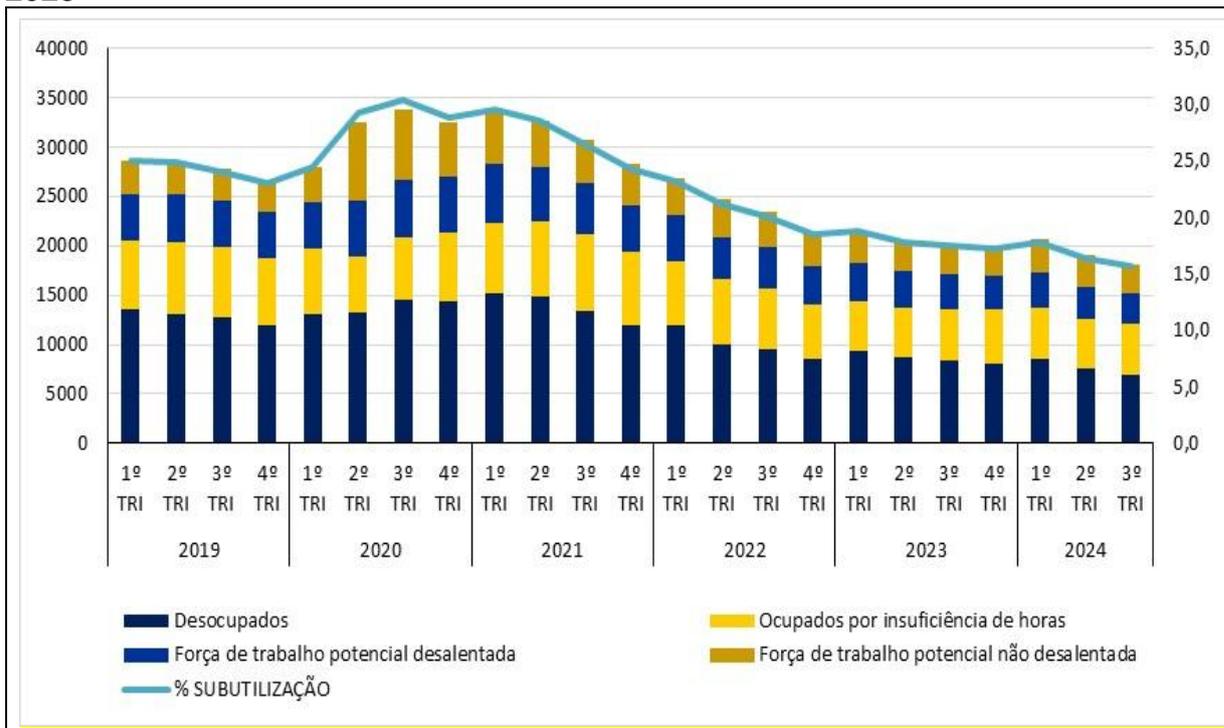
O mesmo acontece ocorre em relação ao nível de escolaridade, sendo que, maior a escolaridade, menor o nível de desocupação. A população com ensino superior completo apresentou uma taxa de desocupação de 3,2%, enquanto a população com ensino superior incompleto e ensino médio completo apresentaram um nível de desocupação de 7,2% e de 7,1%, respectivamente. A porcentagem da população com ensino médio incompleto, por outro lado, apresentou a maior taxa de desocupação, sendo de 10,8% no terceiro trimestre de 2024. Para a população

com ensino fundamental completo, o nível de desemprego ficou acima da média nacional, sendo de 8%. E para a população com ensino fundamental incompleto e sem instrução ou com o nível de instrução menor de 1 ano, o nível de desemprego foi de 6,2% e de 5,8%, respectivamente, no terceiro trimestre de 2024.

Verifica-se também queda da desocupação ao se analisar a população segundo a raça ou cor, além disso os pretos e pardos têm uma maior taxa de desemprego. Enquanto a população branca apresentou uma taxa de 5% no nível de desocupação no terceiro trimestre de 2024 frente a taxa de 5,9% no mesmo período do ano anterior, a população preta, apesar da queda de 2 p.p na taxa de desemprego, quando comparado o terceiro trimestre de 2023 com o terceiro trimestre de 2024 (sendo 9,6% e 7,6%, respectivamente), foi a parcela da população que representou o maior nível de desemprego. Por fim, a população parda no terceiro trimestre de 2024 obteve um nível de desocupação em 7,3%.

Na Figura 12, pode ser analisado o comportamento da subutilização da força de trabalho. A subutilização do trabalho é composta por três grupos específicos, sendo eles: i) os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas; ii) os desocupados, e iii) a força de trabalho potencial, segundo IBGE (2021). Conforme a definição da OIT (1998) os indivíduos subocupados por insuficiência de horas trabalhadas são indivíduos que já estão inseridos no mercado de trabalho, mas querem ou estão disponíveis para oferecer mais horas de trabalho. Já a força de trabalho potencial é definida por dois subgrupos: os desalentados, que por algum motivo desistiram de procurar um emprego e a força de trabalho potencial não desalentada, que apenas possuem interesse em adentrar no mercado de trabalho e no atual momento não estão nem ocupadas e nem desocupadas.

No que se refere ao terceiro trimestre de 2024, foram cerca de 18 milhões de brasileiros em situação de subutilização da força de trabalho, resultando numa taxa de 15,7%. A maior parcela, cerca de 7 milhões de indivíduos estão desocupados, um número que representa queda, em comparação aos 8,3 milhões de desocupados no mesmo período de 2023. A segunda maior parcela deste grupo é a força de trabalho potencial totalizando 6 milhões de brasileiros. Cerca de 3,1 milhões de brasileiros estão desalentados e cerca de 2,9 milhões são a força de trabalho potencial não desalentada. Logo em seguida, é o grupo definido com os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, com cerca de 5,1 milhões no terceiro trimestre de 2024.

Figura 12 – Composição da Subutilização da Força de trabalho ampliada, 2019-2023

Fonte: elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Portanto, conforme visto na Figura 12, os três grupos vieram desde 2020 acompanhando a queda do desemprego. A subutilização da força de trabalho chegou até os 30,4% no terceiro trimestre de 2020, caindo para 26,5% no mesmo período de 2021, seguindo pelos 20,1% em 2022, aos 17,6% em 2023 até chegar aos 15,7% no terceiro trimestre de 2024. Portanto, verifica-se que o impacto da pandemia foi diminuindo a longo dos anos e o crescimento econômico dos últimos anos têm impactado no mercado de trabalho, que vem mostrando sinais positivos.

BOX B - TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO

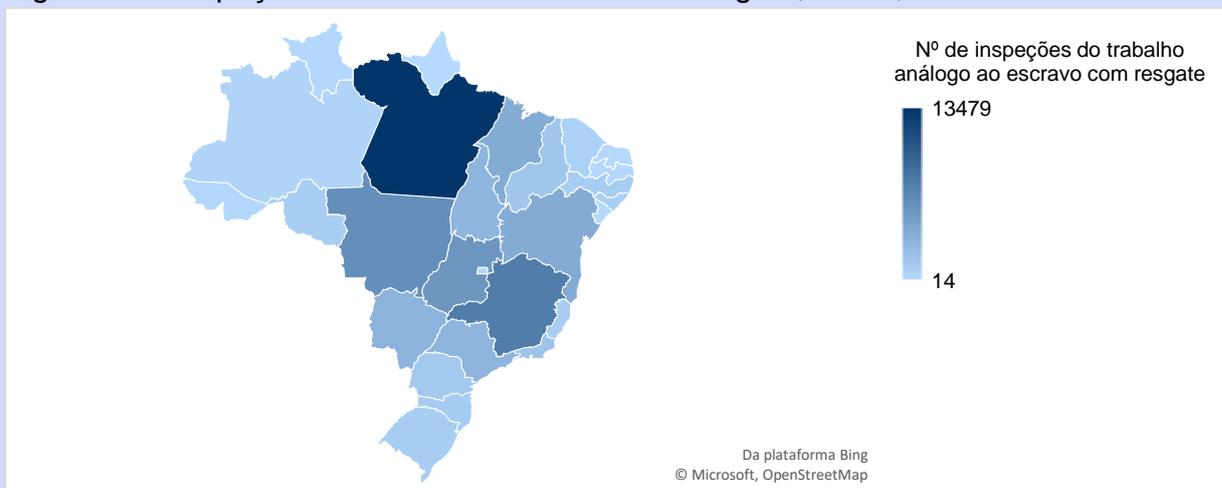
Em 2024, foram resgatadas mais de 2000 trabalhadores em condições análogas à escravidão. Conforme o Ministério do Trabalho e do Emprego, a atividade com mais resgatados foi a construção civil (293 pessoas), seguida pelo cultivo de café (214), o cultivo de cebola (194) e serviços de preparação da terra para cultivo e colheita (120) (Laboissière, 2025). Ainda, o Brasil atingiu um recorde de 3.959 denúncias de trabalho escravo em 12 meses, um aumento de 15,4% em relação a 2023, segundo o Ministério dos Direitos Humanos. Esse é o maior número desde a criação do Disque 100, em 2011 (Moura e Nunes, 2025).

Considerando a análise para os estados brasileiros, em 2024, Minas Gerais se destacou como o estado com o maior número de trabalhadores resgatados, totalizando 500 vítimas, principalmente em atividades ligadas à agricultura (G1, 2025). Em seguida foi o estado São Paulo com 479 e Bahia com 198, sendo o último relacionado a construção civil (Carta Capital, 2024). De modo geral, o total de vítimas resgatadas de trabalho análogo à escravidão desde 1995 até 2024 foram mais de 60 mil, conforme a Figura B1. O estado do Pará é o mais expressivo neste indicador, com quase 13,5 mil resgates em atividades ligas à pecuária (Bataier, 2024). Depois o estado de Minas Gerais (7,6 mil) e Mato Grosso (6,2 mil).

Trinta anos após o reconhecimento do trabalho análogo à escravidão pelo Estado brasileiro, o número de resgates ainda é elevado. Frei Xavier Plassat, da coordenação da Campanha Nacional Contra o Trabalho Escravo da Comissão Pastoral da Terra, destaca avanços no combate a essa violação, mas ressalta a influência do latifúndio e do agronegócio, que concentram mais de 60% dos casos. Já o auditor fiscal Marcelo Campos aponta o desafio de resgatar trabalhadoras domésticas, majoritariamente mulheres negras (Passos, 2025).

Diante desse cenário, é crucial destacar o 8º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que busca promover um crescimento econômico inclusivo e sustentável, além de garantir trabalho decente e emprego pleno para todos. A meta 8.7, em particular, estabelece o compromisso de erradicar o trabalho forçado, acabar com a escravidão moderna e combater o tráfico de pessoas.

Figura B1 - Inspeções de trabalho escravo com resgate, Brasil, 1995 -2024



Fonte: Smartlab (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período analisado a economia brasileira apresentou crescimento acima do esperado, impactando positivamente diversos indicadores do mercado de trabalho brasileiro. Na comparação com outros países o Brasil teve um melhor, considerando as taxas de emprego, de desemprego e inatividade no terceiro trimestre de 2024 comparado com o mesmo trimestre do ano anterior, por exemplo em relação à Austrália, Canadá, Chile, EUA, França, Noruega, entre outros.

A população ocupada atingiu o maior patamar da série histórica, com 103 milhões de pessoas ocupadas, com uma taxa de crescimento positiva nos três primeiros trimestres do ano de 2024. Esse crescimento foi mais expressivo entre as mulheres, adultos, mais qualificados, pretos e pardos.

O rendimento médio aumentou para um valor médio igual a R\$ 3.132,00. Os homens, adultos, mais qualificados e os brancos possuem um rendimento maior. Já os homens, mais jovens, menos qualificados e pretos foram aqueles com os maiores aumentos nos rendimentos. A indústria remunera melhor o mercado de trabalho, seguida de perto pelo comércio e serviços. Este último setor emprega mais de 70% da população ocupada, enquanto a indústria cerca de 20% e a agricultura menos do que 10%.

A informalidade reduziu no período, apesar de ainda estar alta, com uma taxa de 38,8%. Considerando os dados do CAGED sobre o emprego formal, em setembro de 2024 foi registrado um total de 47,5 milhões vínculos, com um aumento cerca de 5% em relação ao início do ano. A variação positiva mais expressiva foi da indústria da construção, de 7,4%.

Além disso, verificou-se redução na taxa de desemprego para 6,4% no terceiro trimestre de 2024. Esta redução também foi observada em todas as unidades da federação e quando segmentamos os indivíduos por sexo, idade, escolaridade e cor ou raça. Assim, observa-se um cenário positivo para o mercado de trabalho brasileiro no período.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil gera mais de 247 mil empregos formais em setembro e 1,83 milhão em 12 meses.** Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/brasil-gera-mais-de-247-mil-novos-empregos-formais-em-setembro-e-alcanca-1-83-milhao-de-novas-vagas-nos-ultimos-12->

CUNHA, Marina Silva da; JAWORSKI, Emillyn Eduarda Chanã Gomes; SANTOS, Fernanda Alves *et al.* Boletim de Conjuntura Econômica: divulgação de análises. Mercado de Trabalho. Boletim 87, agosto, 2024.

CNN BRASIL MONEY. Saldo de empregos volta a subir em 2024 e soma 1,7 milhão, diz caged. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/saldo-de-empregos-volta-a-subir-em-2024-e-soma-17-milhao-diz-caged/>. Acesso em: 04 de março de 2025.

FEIJÓ, Janaína; PERUCHETTI, Paulo. **Performance dos jovens no mercado de trabalho**. FGV IBRE, 2024. Disponível em:

<https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/performance_dos_jovens_no_mercado_de_trabalho_-_final.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

G1. **MG lidera pelo 2º ano seguido resgate de trabalhadores em condições análogas à escravidão**. Belo Horizonte, 2025. Disponível em:

<g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/01/31/mg-lidera-pelo-2o-ano-seguido-resgate-de-trabalhadores-em-condicoes-analogos-a-escravidao.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PIB cresce 3,0% e totaliza R\$ 10 trilhões em 2022**. Agência de Notícias IBGE, 6 nov. 2024.

Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/41763-pib-cresce-3-0-e-totaliza-r-10-trilhoes-em-2022>>. Acesso em: 10 de fev.2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em:

13 dez. 2024.

ISTOÉ, Economia. CAGED: Setores da economia aquecem e geram 232,5 mil novos empregos. Disponível em: <https://istoe.com.br/istoegeral/2024/10/01/caged-setores-da-economia-aquecem-e-geram-2325-mil-novos-empregos/>. Acesso em: 04 de março de 2025.

LABOISSIÈRE, P. Trabalho escravo: mais de 2 mil foram resgatados no Brasil em 2024. **Agência Brasil**. Brasília, 2025. Disponível em:

<agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-01/trabalho-escravo-mais-de-2-mil-foram-resgatados-no-brasil-em-2024>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MARTINS, R. **PIB do Brasil cresce 0,9% no 3º trimestre de 2024, diz IBGE**. 2024.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/12/03/pib-do-brasil-cresce-09percent-no-3-trimestre-de-2024-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MOURA, R; NUNES, J. Brasil registra recorde de denúncias de trabalho escravo em 2024, diz ministério. **G1**, Brasil, 2025. Disponível em: <g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/01/29/brasil-registra-recorde-de-denuncias-de-trabalho-escravo-em-2024-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2025.

OIT. **Ilostat explorer**. Disponível:

<rshiny.ilo.org/dataexplorer24/?lang=en&id=POP_XWAP_SEX_AGE_NB_A>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PASSOS, G. Apesar de avanços, trabalho análogo à escravidão no país ainda é alto. **Rádio Agência**, Brasília, 2025. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2025-01/apesar-de-avancos-trabalho-analogo-escravidao-no-pais-ainda-e-alto>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SMARTLAB. **Operações de Combate ao Trabalho Escravo**. Disponível em: <smartlabbr.org/trabalhoescravo/localidade/0?dimensao=prevalencia>. Acesso em: 20 mar. 2025.

VEJA. **Desemprego cai para 6,4% no 3º trimestre, segunda menor taxa da série histórica**. Veja, 31 out. 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/desemprego-cai-para-64-no-3o-trimestre-segunda-menor-taxa-da-serie-historica>>. Acesso em: 19 jan. 2025.